



VIVÊNCIAS NO CHÃO DA ESCOLA: O ESTÁGIO COMO TEMPO DE GERMINAR DOCENTE EM SOCIOLOGIA

Rarielle Rodrigues Lima ¹
Alex Reis Barroso ²
Ana Carolina Torrente Pereira ³

INTRODUÇÃO

No campo da formação de professores/as, o estágio supervisionado ocupa uma posição estratégica e, ao mesmo tempo, tensionada. Ao contrário de uma etapa meramente técnica ou burocrática, o estágio representa um tempo-espço privilegiado de imersão na realidade escolar e de construção da identidade docente. No caso da Licenciatura em Ciências Sociais, esse momento ganha contornos ainda mais desafiadores, tendo em vista os embates históricos em torno da presença das Ciências Sociais na educação básica e as disputas de sentido sobre o que é ensinar e aprender Sociologia na escola pública brasileira.

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a importância do estágio na licenciatura em Ciências Sociais, entendendo-o como um processo formativo que articula teoria e prática, universidade e escola, saber acadêmico e cotidiano escolar. A discussão aqui apresentada é fruto de experiências acumuladas no acompanhamento de estágios supervisionados, na orientação de estudantes da licenciatura e na pesquisa sobre práticas pedagógicas no ensino de Sociologia desenvolvidas na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Campus Paulo VI. A análise parte da compreensão de que o estágio não é um momento de “teste” da docência, mas sim de vivência, de confronto com a realidade concreta da escola e de elaboração de respostas pedagógicas às múltiplas contradições que atravessam o ensino das Ciências Sociais.

OS CAMINHOS DO ESTÁGIO NA JORNADA DE PROFESSOR/A

A organização do estágio no curso de licenciatura da UEMA é distribuído em três etapas: 1) Estágio no ensino médio I que corresponde a aproximação da escola campo com as observações, planejamento e regência; 2) Estágio no ensino médio II que corresponde ao

¹ Doutora em Ciências Sociais, Docente do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Maranhão, mulher cis, parda, rariellerodrigues@gmail.com;

² Graduado em Ciências Sociais, Professor de Sociologia da SEDUC/MA, homem cis, preto, alexdurkheim@hotmail.com;

³ Doutoranda em Ciências Sociais (UFMA), professora de sociologia SEDUC/MA, mulher cis, branca, anacarol_torrente@hotmail.com



início direto em regência e 3) estágio em gestão escolar que corresponde ao período de vivências na esfera da gestão da escola. É preciso destacar que antecede a esse processo as disciplinas de práticas na dimensão escolar, curricular e de gestão, porém estas não serão foco nesta proposta.

O estágio deve ser pensado como parte integrante — e não acessória — do processo de formação. Ele permite ao/à licenciando/a tomar contato direto com os desafios da profissão docente: a gestão da sala de aula, a construção de sequências didáticas, a relação com os estudantes, o diálogo (ou a ausência dele) com os outros profissionais da escola, a adaptação do conteúdo sociológico a partir do contexto concreto dos alunos e alunas. Mas mais do que isso, o estágio é um espaço de escuta, de observação crítica e de experimentação. Ele tensiona os discursos sobre a “neutralidade” do conhecimento e exige do/a futuro/a professor/a posicionamento frente às desigualdades, aos silenciamentos e às urgências que atravessam o cotidiano escolar.

Nas escolas públicas, especialmente aquelas situadas nas periferias urbanas e em territórios marcados por exclusões históricas, ensinar Sociologia não é uma tarefa simples. Os temas que compõem o campo das Ciências Sociais — desigualdade social, racismo, gênero, sexualidade, religiosidade, movimentos sociais, juventudes, cidadania — são, muitas vezes, tratados como incômodos ou evitados nos currículos escolares. Nesses contextos, o/a estagiário/a se depara com os limites impostos pela estrutura escolar, mas também com as brechas possíveis de atuação crítica e comprometida. É nesse entre-lugar que o estágio pode ser potente: ao promover o deslocamento da perspectiva teórica para a prática situada, ele permite que o/a licenciando/a compreenda que ensinar Ciências Sociais é, antes de tudo, um ato político (FREIRE, 1996; VEIGA, 2006).

Outro ponto fundamental é que o estágio revela a dimensão coletiva da docência. Ao entrar na escola, o/a estagiário/a precisa aprender a negociar, a ouvir os saberes dos/as professores/as experientes, a dialogar com a equipe pedagógica, a lidar com os diferentes ritmos e lógicas da instituição escolar. Nesse processo, há uma desidealização da profissão e, ao mesmo tempo, uma tomada de consciência sobre sua complexidade e sua potência. É também no estágio que se experimenta, muitas vezes pela primeira vez, a autoria pedagógica: construir planos de aula, selecionar metodologias, pensar estratégias de avaliação, refletir sobre o que funcionou e o que precisa ser repensado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Portanto, o estágio não pode ser tratado como simples exigência curricular. Ele é atravessado por dimensões éticas, políticas, afetivas e epistemológicas. É nele que o/a futuro/a professor/a de Ciências Sociais se reconhece como agente formador, como mediador/a entre o conhecimento e os sujeitos escolares, como profissional comprometido/a com a democratização do saber e com a transformação social. Por isso, defender um estágio crítico, reflexivo e bem acompanhado é defender também um projeto de formação que valorize a docência como prática intelectual (GIROUX, 1997) e a escola pública como espaço de disputa e de possibilidade.

Concluimos que o estágio, quando concebido como campo de formação e não como mero cumprimento de carga horária, tem o potencial de fortalecer a identidade docente e politizar o processo formativo. Ele ajuda o/a licenciando/a a compreender a escola em sua complexidade e a construir práticas pedagógicas coerentes com os princípios das Ciências Sociais. É preciso, portanto, garantir condições institucionais e pedagógicas para que o estágio cumpra seu papel formativo, bem como valorizar a função orientadora dos/as professores/as supervisores/as na universidade e nas escolas. Em tempos de ataques à educação crítica e ao ensino das humanidades, o estágio é, também, um espaço de resistência.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais:** rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Projeto político-pedagógico da escola:** uma construção possível. Campinas: Papirus, 2006.